

Realização do rótico no espanhol em posição de coda por falantes brasileiros futuros professores

José Rodrigues de Mesquita Neto*

Resumo: Esta pesquisa parte da seguinte pergunta: de que maneira emerge o rótico em posição de coda no espanhol falado por alunos brasileiros em níveis avançados? Assim, objetivamos analisar a interfonologia dos róticos envolvendo o português brasileiro e o espanhol no que diz respeito às codas realizadas por alunos futuros professores de espanhol. Temos por hipótese básica que esses discentes apresentam dificuldades na produção da coda devido à influência de sua língua materna, tendendo a realizarem um alongamento vocálico em coda final absoluta. Discutimos autores que trabalham com os conceitos de linguagem e interlíngua, assim como outros que lidam diretamente com a interfonologia dos róticos, como é o caso de Silva (2007) e Carvalho (2006), bem como Brisolara e Semino (2014), que fazem um estudo comparativo entre os sistemas fônicos do espanhol e do português, mostrando a influência de uma língua sobre a outra. Para a realização da pesquisa, utilizaremos o método indutivo-dedutivo, corte transversal e teremos como *corpus* de análise a gravação de áudios de alunos do 7º período do curso de Letras com habilitação em língua espanhola.

Palavras-chave: Vibrante simples; Fonética e Fonologia; discentes de espanhol.

Abstract: This research is based on the following question: in what way does the rhotic emerge in coda position in Spanish spoken by Brazilian students at advanced levels? Thus, we aim to analyze the interphonology of the rhotics involving Brazilian Portuguese and Spanish about the codas produced by students who will be Spanish teachers. We hypothesize that these students present difficulties in the production of the coda due to the influence of their mother tongue, tending to lengthen the vowel in absolute final coda. We discuss authors who work with the concepts of language and interlanguage, as well as others that deal directly with the interphonology of rhotics, such as Silva (2007) and Carvalho (2006), as well as Brisolara and Semino (2014), who make a comparative study between the phonological systems of Spanish and Portuguese, showing the influence of one language over the other. To carry out the research, we will use the inductive-deductive method, cross-section and we have as *corpus* of analysis the audios recorded by students from the 7th term of the *Letras* Course, with qualification in Spanish language.

Keywords: Simple vibrant; Phonetics and Phonology; spanish students.

* O trabalho é fruto do projeto de pesquisa intitulado “Análise interfonológica dos róticos na aquisição do Espanhol como Língua Estrangeira”, vinculado a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/CAMEAM), sob a orientação do prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.

1. Considerações iniciais

Esta pesquisa tem como finalidade analisar a interfonologia dos róticos envolvendo o português brasileiro (doravante PB) e o espanhol no que diz respeito às codas realizadas por alunos futuros professores de espanhol. Além disso, também objetivamos estabelecer as características acústicas de realização dos róticos através do *software praat*¹ e descrever as características de realização dos róticos em posição de coda na interfonologia do futuro professor de ELE.

Vários são os motivos que justificam a escolha para pesquisar os aspectos fonético-acústicos dos róticos dentro desse contexto fonotático tendo como foco a interfonologia entre o PB e o espanhol.

Inicialmente, fomos impulsionados pelo crescente estudo do espanhol no Brasil e a importância, cada vez maior, dada a uma pronúncia mais adequada e mais próxima a de um falante nativo, uma vez que, “quanto mais se aproxime seu sotaque ao modelo nativo, maior será o grau de aceitação social – e admiração – que ele terá” (FERNÁNDEZ, 2007, p. 98). E, quando se trata de futuros professores de uma língua estrangeira, a responsabilidade pela realização adequada de determinada palavra ou frase que ultrapasse o campo da inteligibilidade torna-se ainda maior, pois todo professor de línguas deve dar certa atenção à pronúncia.

Outro ponto que nos instigou a aprofundar nossos estudos no campo da interfonologia foi a preocupação com a pronúncia dos alunos que serão futuros professores desse idioma, pois estes se formam, muitas vezes, sem uma gramática fonológica próxima a de um falante nativo. Acreditamos, ainda, que, quando o estudante aprofunda seu conhecimento dos sistemas fonológicos de sua língua materna e da língua estrangeira, melhor qualidade de realização do som da língua estrangeira ele terá.

Assim, a presente investigação parte da seguinte pergunta: de que maneira emerge o rótico em posição de coda no espanhol falado por alunos brasileiros em níveis avançados? Temos por hipótese básica que esses discentes apresentam dificuldades na produção da coda devido à influência de sua língua materna, tendendo a realizarem um alongamento vocálico em coda final absoluta.

Para a realização deste trabalho, fizemos a gravação da leitura de frases com dez alunos do 7º período do curso de Letras com habilitação em língua espanhola da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *campus* Pau dos Ferros. As gravações foram analisadas através do programa *Praat* e auxiliadas pela impressão oitiva.

O trabalho está dividido em três grandes partes, salvo as considerações iniciais e finais. Na primeira, de cunho teórico, fazemos um percurso entre linguagem, adentrando na interlíngua e finalizando com os róticos dos sistemas analisados (português e espanhol). Para isso, trazemos autores como: Fiorin (2013), Masip (2014), Cristófar-Silva (2013) e

¹ O *praat* é um *software* utilizado por muitos estudiosos da Fonética, que permite analisar e manipular arquivos de gravação de áudios.

Semino e Brisolara (2014). Na segunda parte, expomos a nossa metodologia, descrevendo o *corpus* utilizado e os instrumentos para análise. Por fim, discutimos nossas análises e apresentamos nossos achados.

2. Da linguagem à interlíngua

Partindo da ideia de que este trabalho trata da interfonologia e que “um sistema linguístico se reconhece através de sua gramática fonológica, mediante ao qual se faz audível, observável, descomposto” (ROMERO, 2008, p. 25), faz-se necessário, deste modo, conceituar alguns termos, tais como: linguagem, fonética, fonologia, interlíngua e outros relacionados.

A linguagem é a unidade de estudo da Linguística e é responsável, entre outras coisas, pela comunicação existente entre os seres humanos. A Linguística se ocupa do estudo das línguas para conseguir informações da linguagem em geral, ou seja, para poder teorizar. Assim, essa área de estudo se estrutura em subsistemas: fonológico, morfológico, sintático e lexicológico, sendo o primeiro o nosso campo de interesse.

Pode-se caracterizar a linguagem como sendo vocálica, ou seja, produz-se pelo aparelho fonador, como uma faculdade humana; um fenômeno social, que é variável e mutável; sistemática; e que se relaciona e se torna dependente, além de ser multifuncional, como nos diz Fiorin (2013, p. 26):

A linguagem não se presta somente para perceber o mundo, para categorizar a realidade, para propiciar a interação social, para informar, para influenciar, para exprimir sentimentos e emoções, para criar e manter laços sociais, para falar da própria linguagem, para ser fonte e lugar de prazer, mas serve também para estabelecer uma identidade social.

A linguagem faz parte do ser humano, do que somos, do que queremos. Ela nos identifica, principalmente, se pensamos no aspecto fônico, em que cada indivíduo possui seu modo específico de falar, com suas características próprias. Assim, por mais que se fale de uma linguagem social, também podemos/devemos falar de uma linguagem pessoal ou individual.

Nesse sentido, Martínez Celadrán [1994] citado por Jurado e Arenas (2005, p. 15) resume as características de *langue* e *parole* propostas por Saussure. A língua é social, essencial, psíquica, sistemática e tem um valor puro, enquanto a fala é individual, secundária, psicofísica, assistemática e material.

A linguagem está composta de fonemas e sons que nos levam ao estudo da fonética e da fonologia, pois o veículo da linguagem humana é a voz.

A fonética é antiga como a humanidade, pois, desde os primórdios, os seres humanos se organizaram em grupos, marcado pela religiosidade. Pajés e sacerdotes ofereciam sacrifícios e oblações a divindade, empregando fórmulas que eram preciso pronunciar corretamente para que surtissem o

efeito desejado. Havia um controle da emissão e articulação dos sons, assim como da entonação, intensidade e duração de cada enunciado (MASIP, 2014, p. VI).

Não é diferente quando se trata da sala de aula e o ensino de um novo idioma, pois produzir corretamente um fonema, uma palavra ou um enunciado é um desafio para o discente, mas necessário para a boa comunicação entre o nativo e o não nativo.

Câmara Jr. (1998, p. 35) frisa que

[...] o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a rigor a má produção dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos fonemas, sem insinuar, sem sentir os traços distintivos dos fonemas mais ou menos semelhantes da língua materna, às vezes com confusões perturbadoras e cômicas.

Um estudante de uma língua estrangeira (doravante LE) deve ter cuidado ao levar características fonético-fonológicas da sua língua materna (doravante LM) ao falar a língua estrangeira estudada, pois pode causar problemas na comunicação, mudando o significado das palavras.

Vários são os autores que trazem a interlíngua (doravante IL) como consequência da inter-relação entre os sistemas fonológicos das línguas estudadas.

Os estudos sobre aquisição de segundas línguas mostram que a interferência ou transferência negativa foi alvo de discussão desde os anos setenta. A ideia era que as diferenças entre a L1 e a L2 provocariam interferências devido às dificuldades enfrentadas pelo aprendiz e o levariam a uma transferência negativa (SILVA, 2007, p. 33).

Apesar do grande número de escritos na área da comparação de línguas, este trabalho se destaca visto que não são muitos os que o fazem detendo-se na oralidade. Destacamos que, apesar dos autores preferirem usar o termo interferência ou até mesmo transferência, utilizaremos o termo influência, pois acreditamos que este esteja mais apropriado aos estudos interfonológicos, assim como traz Barboza (2008).

O termo “Interlíngua” se usa não somente para fazer referência ao produto linguístico sistemático que aprendizes de línguas não nativas constroem em cada etapa do desenvolvimento do idioma estudado, mas também para se referir ao sistema que permite a observação das diferentes etapas de aprendizagem dos estudantes da língua alvo e ao sistema utilizado como meio de comunicação entre alunos e professores de uma determinada língua estrangeira.

A IL faz referência ao sistema linguístico do aprendiz de uma língua estrangeira em cada uma das etapas existentes no processo de aquisição/aprendizagem de determinada língua. Ela se caracteriza como um sistema próprio de quem estuda uma LE. Está em

constante evolução, é autônoma, permeável, sistemática e se caracteriza por transitar pelo sistema linguístico da língua materna e da língua meta.

Com relação ao português e ao espanhol, ressalta Benedetti (2002, p. 147 *apud* SILVA, 2007, p. 33) que:

Por serem o português e o espanhol línguas românicas de tronco comum, o latim, e que evoluíram de forma similar, tanto no geográfico quanto no histórico, apresentam uma gramática de conformação linguístico-estrutural muito próxima. Essa aproximação de sistemas gramaticais, ao contrário do que pode parecer e diferentemente do que ocorre se comparamos estes idiomas com outros do mesmo tronco (o francês e o italiano) ou originários de outras famílias de línguas, como o inglês, o alemão, o russo, ou, inclusive, o japonês, implica dificuldades do ponto de vista da aprendizagem.

Viana (1997, p. 45) complementa dizendo que, “se existem algumas desvantagens vindas da proximidade entre as duas línguas (português e espanhol), não podemos deixar de considerar as vantagens dessa condição”.

Para um falante do PB, devido à proximidade existente entre as línguas estudadas, é comum a influência de sua gramática fonológica ao realizar sons do espanhol. É importante mencionar que o objetivo, ao se aprender uma nova língua, não é falar como o nativo da LE - pois é impossível -, mas, sim, aproximar-se o máximo possível de sua gramática fonológica. No entanto, a IL será negativa quando a má pronúncia de determinada palavra afetar diretamente a compreensão, quando mudar seu significado (troca de fonemas) ou interromper a comunicação.

Abordaremos, na próxima seção, sobre alguns conceitos relacionados à Fonética e à Fonologia.

2.1 Fonética e Fonologia

A Fonética e a Fonologia são ciências que alguns linguistas pretenderam estudá-las como independentes e tratá-las de forma separadas. No entanto, ao longo dos anos, passaram a vê-las como ciências inseparáveis, visto que uma serve de apoio à outra, uma é o complemento da outra, pois ambas estudam o som desde perspectivas diferentes, tal como nos mostram Masip (2010) e Fernández (2007).

A Fonologia tem como unidade de estudo o fonema, que é “a menor unidade linguística, desprovida de significado, formada por traços distintivos” (QUILIS, 2010, p. 10). Já a Fonética, tem o fone como unidade de estudo, pois analisa o som propriamente produzido, ou seja, o que escutamos. O fonema é abstrato, é o que pensamos; o fone é a realização do fonema. Com isso, podemos dizer que a Fonética estuda o significante na fala, enquanto a Fonologia estuda o significante na língua.

Jurado e Amalia (2005, p. 14) nos definem as funções destas ciências como sendo:

(...) a fonética descreve e sistematiza todos os elementos fônicos que o homem produz, enquanto que a fonologia estuda as invariantes ou padrões sonoros subjacentes em todas as línguas do mundo e as inumeráveis variantes fonéticas.

Câmara Jr. (1998, p. 34) salienta a importância em conhecer a diferença existente entre letra, fonema e fone, em que “o fonema é um conceito de língua oral e não se confunde com a letra, na língua escrita”. Como sabemos, um mesmo fonema pode representar grafemas diferentes, assim o fonema sempre virá representado entre barras /r/, diferenciando-se do grafema <r> ou do som propriamente dito, de forma que o fone deve aparecer entre colchetes [r]. Ainda sobre o fone, o autor nos leva para o conceito de alofone, que também deverá ser representado entre colchetes. Segundo o pesquisador, os alofones também podem ser chamados de “variantes”, pois são responsáveis pelo que nós conhecemos de “sotaque”, ou seja, passam pelo plano do significante, mas não altera o significado.

Dessa maneira, a Fonologia refere-se ao estudo dos fonemas que estão no plano da língua. Os fonemas de uma língua são limitados e apresentam uma função simbólica. Na língua espanhola, existem dois sistemas fonológicos (BRISOLARA; SEMINO, 2014): o peninsular, composto por 24 fonemas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/, /b/, /k/, /d/, /f/, /g/, /x/, /l/, /ʎ/, /tʃ/, /ɲ/, /j/, /r/, /r/, /m/, /n/, /p/, /s/, /t/, /θ/), e o hispano-americano com 22, ou seja, os mesmos presentes na gramática fonológica peninsular excetuando /θ/ e /ʎ/. Os róticos, que são os fonemas analisados na nossa pesquisa, estão presentes nos dois subsistemas sendo caracterizados como vibrante simples (/ˈarbol/) e múltipla (/ferokaˈril/).

De acordo com Fernández (2007), a Fonética pode ser dividida em três grandes áreas: articulatória, acústica e auditiva. Desse modo, a fonética articulatória estuda a produção do som desde o ponto de vista fisiológico, a partir da ação dos órgãos articulatórios do ser humano. Descreve e analisa o funcionamento do aparelho produtor dos sons. A fonética acústica é a que estuda a onda sonora, ou seja, estuda o caminho desde a boca até chegar ao ouvido. Já a auditiva, também chamada de perceptiva, ocupa-se em verificar como as pessoas recebem (percebem, processam e interpretam) a mensagem.

Além das citadas por Fernández (2007), há a fonética instrumental que é o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos de laboratórios (CRISTÓFARO-SILVA, 2013). Romero (2008) ainda nos traz que a fonética também pode classificar-se em fonética contrastiva, que permite a comparação entre duas ou mais línguas.

Este trabalho se centra, por um lado na fonética acústica, visto que se analisa a produção de alunos através de espectogramas (ver imagens nas análises), nas quais podemos analisar as ondas sonoras, e, por outro, na fonética contrastiva, pois tratamos da influência existente da língua materna na realização do rótico em posição de coda na LE.

Na seção a seguir, falaremos sobre os róticos, mostrando alguns dos estudos existentes a respeito da sua realização.

2.2 Os róticos e os estudos acerca desses fonemas

Embora os róticos² tenham um grande número de variação no português e sejam fonemas que normalmente aprendizes de espanhol como língua estrangeira apresentam dificuldades, não há muitos trabalhos existentes dentro da interfonologia PB-espanhol no que se refere a esses fonemas, o que justifica o estudo deles.

Segundo o modo de articulação, na língua espanhola, os fonemas /r/ e /r/ são classificados como vibrantes pela semelhança de articulação. Silva (1996) explica que os róticos que são sons muito frequentes nas línguas e sua articulação, semelhante às laterais, faz com que a troca entre esses sons seja rotineira. Ambas são denominadas, na literatura fonética-fonológica, como líquidas.

Muitos autores afirmam que existem apenas dois sons róticos no português brasileiro, denominados, em geral, de forte e de fraco.

No que diz respeito à realização desses fonemas, Brisolara e Semino (2014, p. 62) afirmam que:

O fonema /r/ em português costuma se pronunciar como tepe se estiver em posição intervocálica [...] e se segue uma consoante oclusiva ou fricativa que esteja na mesma sílaba. No entanto, o fonema /R/ pode ser pronunciado como fricativa velar, fricativa uvular, fricativa uvular, fricativa aspirada ou vibrante múltipla em posição intervocálica.

As modalidades articulatórias do <r> são dependentes do falar regional e do contexto linguístico. Os róticos do português brasileiro podem ter diversas realizações. Segundo o ponto de articulação, encontraremos as seguintes:

- a) Velar [x, ɣ], que é aquele cuja produção se dá pelo “dorso da língua contra o véu palatino” (SOUZA; SANTOS, 2010, p. 20).
- b) Uvular [χ, ʁ] “são aqueles produzidos pelo dorso da língua contra o véu palatino e a úvula” (SOUZA; SANTOS, 2010, p. 20).
- c) Faringal [ħ, ʕ] são aqueles produzidos “pela raiz da língua contra a parede posterior da faringe” (SOUZA; SANTOS, 2010, p. 20).
- d) Glotal [h, ɦ], que “são os sons produzidos pelas cordas vocais” (SOUZA; SANTOS, 2010, p. 21).
- e) Retroflexo [ɭ] “são os sons produzidos pela ponta da língua levantada e voltada para trás, de modo que a parte de baixo da língua fique voltada em direção ao palato duro” (SOUZA; SANTOS, 2010, p. 20). Este fonema é conhecido como o <r> caipira.

² Segundo Ladefoged e Maddieson (1998), os róticos são aqueles sons representados ortograficamente pelo grafema <r> e podem ser produzidos por meio de diferentes modos de articulação, tais como trills, tepes, fricativas e aproximantes.

- f) Alveolar [r] são os sons cuja “a ponta ou a lâmina da língua contra a arcada alveolar” (SOUZA; SANTOS, 2010, p. 20).

Além dos pontos de articulações citados, no português brasileiro, é comum o desaparecimento do rótico em posição de coda absoluta, acontecendo então um alongamento vocálico. No entanto, no espanhol, segundo Masip (2005), só haverá duas realizações: vibrante simples [r] ou múltipla [r], ambos fonemas alveolares. Ainda que existam variações no espanhol, Brandão (2003) reforça a ideia de que, nesse idioma, os róticos são geralmente encontrados de maneira uniforme em todos os dialetos.

Os róticos, no espanhol, opõem-se somente na posição intervocálica, saindo do plano do significante para o do significado. Já em posição pós-nuclear se neutralizam. Em posição inicial de palavra, apenas ocorre a vibrante múltipla.

Ainda sobre as vibrantes do espanhol, Carvalho (2004) informa que a vibrante simples não chega a ser considerada uma vibrante, mesmo recebendo tal nomenclatura, pois sua realização é apenas um breve toque do ápice da língua contra os alvéolos, descaracterizando a vibração, por isso, muitos autores preferem chamá-la como “tepe”. Já sobre a vibrante múltipla, Brandão (2003, p. 122) descreve a sua realização como o contato rápido e repetido entre a ponta da língua e os alvéolos, produzindo duas ou mais oclusões e impedindo momentaneamente a saída do ar.

Dentre os trabalhos que foram realizados nos últimos anos, no Brasil, envolvendo os róticos, citamos como pesquisas relevantes a de Silva (2007) e a de Carvalho (2004), pois também abordam a produção de alunos futuros professores de espanhol.

Silva (2007) pesquisa sobre o fenômeno das vibrantes na interlíngua dos aprendizes cearenses de espanhol como língua estrangeira na produção oral. O trabalho foi realizado com um total de trinta (30) alunos, com diferentes níveis de proficiência. O *corpus* foi formado por três testes de produção: palavras, sentenças e textos. Os testes foram coletados através de gravações.

Este trabalho, apesar de produtivo e importante, limitou-se a uma análise feita através da impressão oitiva. A análise foi dividida em duas partes. A primeira, quando os fonemas vibrantes do espanhol se encontravam em variação livre e a segunda em distribuição complementar. A investigação foi testada com 18 variáveis: 1 dependente, 13 linguísticas e 4 sociais.

Os resultados mostraram que a probabilidade do uso adequado da vibrante simples é maior que a múltipla, principalmente, quando os contextos da LM coincidem com os da LE, no entanto, quando isso não acontece, observa-se que as dificuldades aumentam. Segundo a autora, “os problemas com o /r/ se fazem presentes porque, do ponto de vista diatópico, ele não existe como fonema nem como variante no nosso falar” (SILVA, 2007, p. 131). Assim, a autora constata marcas da interlíngua na produção oral das vibrantes por estudantes cearenses aprendizes de espanhol.

Já Carvalho (2004), apesar de sua pesquisa ter sido realizada anteriormente a de Silva (2007), apoia-se na fonética acústica para sua análise. Tem como objetivo estabelecer as características acústicas que definem as realizações fonéticas dos róticos, de maneira contrastiva, em diferentes contextos fônicos. Para isso, a autora, utiliza gravações de leitura de textos ou enunciados, em condições laboratoriais, para a constituição do *corpus*.

Seu *corpus* foi constituído por dois (2) informantes brasileiros que traziam o “erre caipira”, pois a autora pretendia trabalhar também com essa variante, e quatro (4) informantes de Bogotá (Colômbia), que foi a variedade adotada pela autora em sua pesquisa para o espanhol. Para a coleta dos dados, realizaram gravações de leitura de textos ou enunciados em condições laboratoriais.

A partir do contexto analisado, notou-se que em espanhol, as consoantes investigadas se manifestam de forma mais homogênea: ou como um toque ápico-alveolar sonoro [r], ou como uma típica vibrante múltipla [r]. No entanto, em português, ao menos na variedade observada pela autora, não foi encontrada nenhuma realização que seja caracterizada como vibrante.

A nossa pesquisa se destaca e se diferencia das mencionadas, pois trabalhamos com alunos em apenas um nível de língua, além de serem falantes potiguares, ou seja, possuem um falar diferenciado dos analisados, podendo assim emergir novas realizações interlinguísticas.

A seguir, mostraremos como será realizada a pesquisa, assim como a descrição do *corpus* a ser analisado.

3. Metodologia

Nesta seção, descreveremos nossos informantes (3.1), os contextos de produção e experimentos de que faremos uso em nossa análise (3.1), que consiste na comparação da realização dos róticos em posição de coda³ do português brasileiro e do espanhol como língua estrangeira. Por último, faremos, ainda, a descrição das técnicas envolvidas (3.3).

3.1 Constituição da amostra

Esta pesquisa desenvolveu uma metodologia indutiva-dedutiva de corte transversal, visando ao estudo da interfonologia dos róticos em posição de coda do PB e do espanhol como LE. Tivemos como *corpus* de análise a gravação de alunos brasileiros futuros professores de espanhol, do curso de Letras com habilitação em língua espanhola, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *campus* Pau dos Ferros.

O *corpus* foi obtido através de gravações. Dez (10) informantes foram selecionados, visto que apenas doze (12) estão devidamente matriculados e nivelados no semestre analisado (2016.2), além de ter sido o número de alunos interessados em participar da pesquisa. Com a finalidade de assegurar a qualidade dos registros e garantir a fidelidade dos dados a serem analisados acusticamente, realizamos a repetição das gravações duas

³ A consoante dentro da sílaba pode ocupar duas posições: onset, quando a inicia ou coda, quando a finaliza.

(2) vezes para que selecionássemos as melhores qualidades técnicas para a nossa análise de dados. Em alguns casos, quando necessário, fizemos uma terceira gravação.

Alguns critérios foram utilizados para a seleção dos alunos:

- a) Todos os informantes são alunos de espanhol devidamente matriculados no 7º período do curso, portanto, discentes em nível avançado da língua, visto que o curso tem um total de 8 semestres.
- b) Nenhum dos informantes apresenta problemas de audição e/ou fala.
- c) Nunca residiram fora do Brasil ou utilizam a língua estrangeira analisada dentro de casa.

3.2 Análises dos dados

Focando responder a pergunta-problema, coletamos o *corpus* utilizamos os seguintes instrumentos de análise:

- a) Um questionário para verificar se os informantes se encaixavam em todos os quesitos necessários (formação, português como língua materna etc.).
- b) Um experimento para coleta de dados: a gravação de frases em que os fonemas analisados apareceram em posição de coda, a saber: a) final de sílaba interna (carne, parte) e b) final absoluto (bailar, ayer).

Para a obtenção dos valores espectrais, utilizamos o *software Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2007). Através desse programa, podemos extrair as informações necessárias sobre a realização dos sons produzidos pelos informantes.

3.3 Tratamentos dos dados

Optamos por um estudo de caráter quali-quantitativo. Partimos da ideia de que a pesquisa qualitativa “trata de descrever e compreender as situações e os processos de maneira integral e profunda, considerando inclusive o contexto onde acontece a problemática estudada”, já a pesquisa quantitativa está relacionada com números, assim:

[...] seu objetivo é descrever ou explicar os seus achados, [...] se trabalha geralmente com mostras probabilísticas ou não probabilísticas [...] cujos resultados têm a possibilidade de se generalizar à população em estudo (ALVARENGA, 2014, pp. 9-10).

Inicialmente, com a gravação do sinal acústico foi possível obter os oscilogramas e os espectrogramas dos enunciados. Para a gravação, utilizamos uma sala de aula fechada⁴, onde cada informante foi gravado individualmente. Com esses dados, o primeiro

⁴ Entendemos que o ideal seria realizar as gravações em uma sala com isolamento acústico, no entanto, devido à ausência de um local assim na universidade e a dificuldade de reunir os alunos em horários específicos em um estúdio, isso não foi possível.

procedimento para análise que fizemos foi a segmentação da onda sonora. Para a realização dessa análise, os áudios obtidos foram redirecionados para o *software Praat*. Após a segmentação, realizamos a análise desses segmentos e verificamos que sons emergem na interlíngua do alunado.

Foram analisadas dez (10) palavras por dez (10) alunos, totalizando cem (100) áudios. As frases veículo foram as seguintes:

- 1- Quiero comer pan con carne y jamón.
- 2- Todos los días hace mucho sol.
- 3- Señor Ramírez me dijo que bailar es muy fácil.
- 4- Hoy tengo que leer muchos textos.
- 5- El albañil llegó bastante tarde ayer.
- 6- Paco dejó una parte del dinero.
- 7- Comimos un pastel de chocolate riquísimo.
- 8- ¿La alfombra es verde? Este color es muy raro.

As palavras em destaque foram as utilizadas em nossa análise. Algumas frases sem a utilização do rótico em posição de coda foram inseridas para evitar suspeita sobre o que estaríamos analisando.

Temos consciência de que a leitura de frases influencia na realização dos fonemas, assim como não é uma mostra autêntica da língua, pois o aluno estará mais preocupado com a sua articulação do que propriamente com a mensagem lida. Assim, apoiamo-nos em Carvalho (2004, p. 16), que aborda que “para as finalidades de nosso trabalho, ela [leitura de textos] pode ser utilizada para representar o estilo formal da língua, possibilitando, ao mesmo tempo, a qualidade das gravações”.

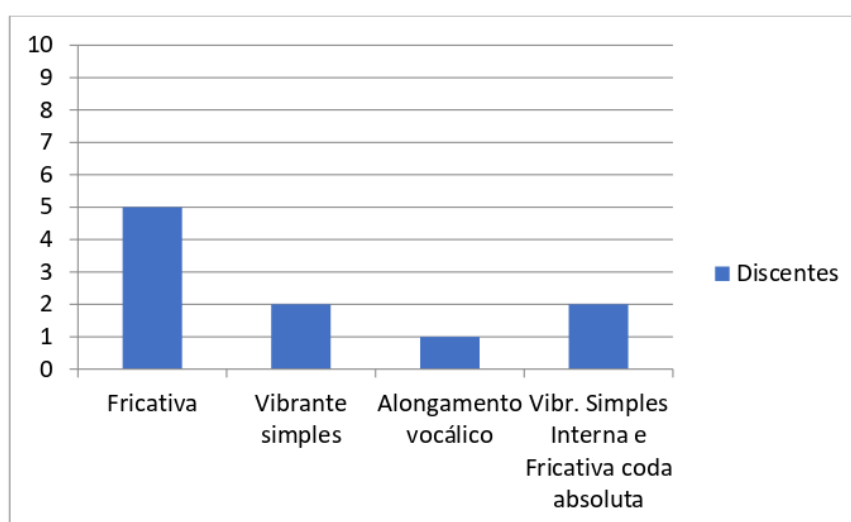
Na seção a seguir, trataremos de mostrar as análises e os resultados encontrados.

4. Análise e discussão dos resultados

Começamos esse tópico mostrando o gráfico a seguir que expõe as realizações dos róticos em posição de coda feitas pelos alunos analisados. Do lado esquerdo mostramos o número de alunos que produziram determinado fone; abaixo, aparecem as realizações encontradas: fricativa, vibrantes simples, alongamento vocálico⁵ e vibrante simples em coda interna, porém fricativa em posição de coda absoluta.

⁵ O alongamento vocálico se dá pela duração mais alongada da vogal que antecede o rótico em posição final, apagando-o, desse modo.

Gráfico 1 - Realização do rótico em posição de coda



Fonte: Elaboração nossa.

Podemos verificar que a maioria dos alunos analisados (50%) realizou uma fricativa no lugar da vibrante simples – diferentemente do que se espera de um estudante de espanhol em nível avançado, pois esse idioma possui duas realizações padrões para os róticos (vibrante simples e múltipla), ambas possíveis em posição de coda absoluta e a simples forma padrão para coda interna. Observamos, ainda, que apenas 20% dos discentes produziram o rótico de acordo com as regras da gramática fonológica do espanhol. Contrariando o esperado e refutando nossa hipótese inicial, apenas 10% dos alunos realizaram um alongamento vocálico. Por fim, 20% dos informantes realizaram a vibrante simples quando se tratou de coda interna, no entanto, quando se tratava da coda em final absoluta, passavam a fricativizar tais fonemas.

Para mostrar essas realizações, utilizaremos os espectogramas e oscilogramas de algumas palavras que exemplificam as produções dos nossos informantes⁶.

Inicialmente, os informantes IV e X foram os únicos que realizaram os róticos em posição de coda, seja interna ou absoluta, como se espera (vibrante simples). Para Brisolara e Semino (2014), no espanhol, o <r> em posição final de sílaba pode ser neutralizado, pois, dependendo da força dada à articulação do falante, pode-se realizar como vibrante simples ou múltipla. Como não existe a vibrante múltipla no português brasileiro há um esforço maior para que sua realização aconteça, justificando, assim, o uso apenas da vibrante simples pelos nossos sujeitos.

Na tabela 1, podemos ver as realizações dos alunos que se aproximaram da gramática fonológica de um falante nativo de espanhol, tal como indicam Álvarez e Rodríguez (2003) e Masip (2005).

⁵ Chamaremos nossos sujeitos de informantes (I a X) para resguardar suas identidades.

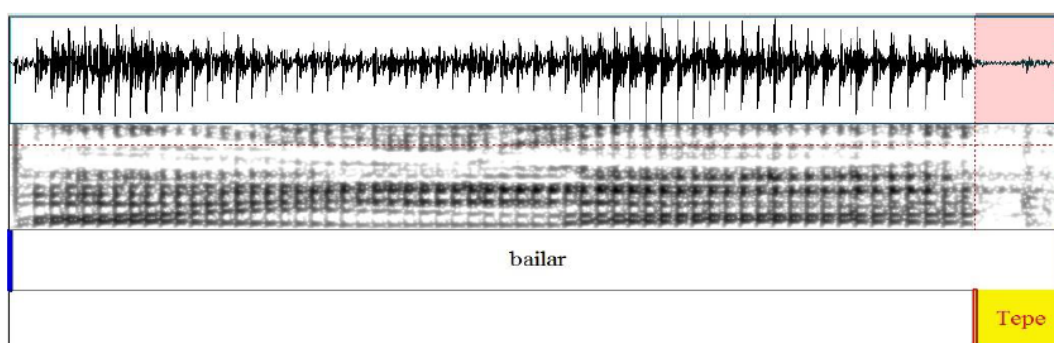
Tabela 1 - Realização como vibrante

Palavras	Realizações	Palavras	Realizações
Comer	ko 'mer	Tarde	'tar ðe
Carne	'kar ne	Ayer	a 'dʒer
Señor	se 'ɲor	Parte	'par te
Bailar	baj 'lar	Verde	'ber ðe
Leer	le 'er	Color	ko 'lor

Fonte: Criação nossa

Na análise acústica (figura 1), podemos ver que o informante realizou um tepe ao produzir a palavra *bailar*:

Figura 1 - Espectograma da palavra *bailar*



Fonte: Acervo pessoal. Extraído das gravações dos áudios dos alunos no programa *Praat*.

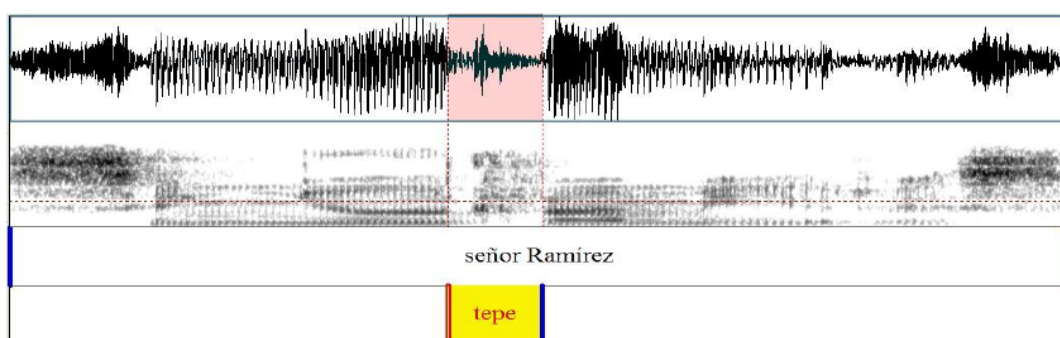
A parte em destaque é a realização do tepe. Podemos observar que existe uma oclusão rápida do fluxo de ar nas cavidades orais.

Para Cristóforo-Silva (2013, p. 160), “a perda de contraste fonêmico entre o R forte e r fraco é neutralizada no português em posição de final de sílaba”, como também acontece no espanhol, no entanto, as possíveis realizações do português diferem das do espanhol.

Ainda no que diz respeito à vibração do rótico, encontramos, mesmo nos casos em que os informantes tendiam a fricativizar o fonema, como os informantes II e VII, uma junção (sândi). Os discentes produzem o <r> final da palavra *señor* juntamente com a palavra seguinte, que também inicia com uma vibrante, no entanto, múltipla (*Ramírez*), ficando [se'ɲora'mires]. Diferente do esperado, em que o rótico deveria ser uma vibrante múltipla, os discentes o realizam como simples.

Observamos, na figura 2, essa junção das palavras mencionadas acima, cujo rótico deixa de aparecer em posição de coda e ocupa uma posição de onset, juntando-se com a vibrante inicial da palavra seguinte.

Figura 2 - Espectograma da palavra *señor ramírez*

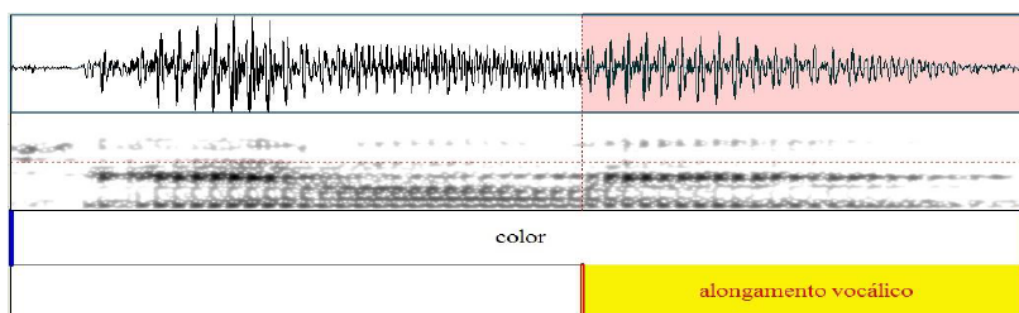


Fonte: Acervo pessoal. Extraído das gravações dos áudios dos alunos no programa *Praat*.

Na parte em destaque do espectograma (figura 2), notamos que não existe uma sequência de vibrantes, uma simples seguida de uma múltipla, tampouco várias oclusões. Com a junção dos sons o sujeito realiza apenas uma vibrante simples.

Nossa hipótese inicial era de que as codas em final absoluto desapareceriam e seriam substituídas por um alongamento vocálico, assim como notamos na figura 3. O informante III realizou, em todos os casos de coda absoluta, essa regra pertencente à gramática fonológica da sua língua materna, no entanto, em sílabas internas, o mesmo sujeito as fricativava.

Figura 3 - Espectograma da palavra *color*

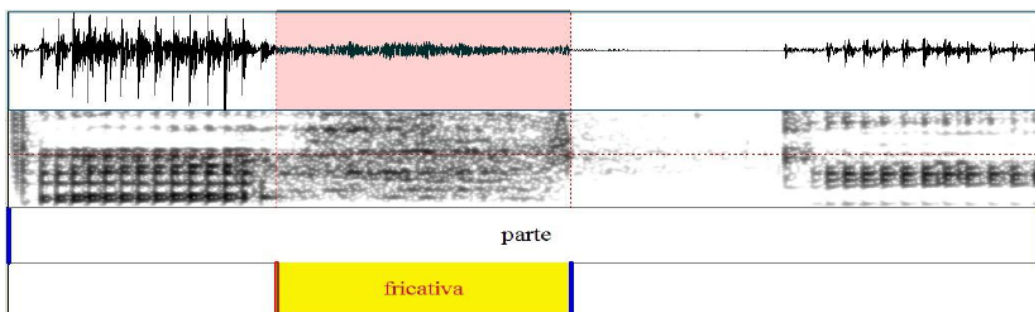


Fonte: Acervo pessoal. Extraído das gravações dos áudios dos alunos no programa *Praat*.

Podemos notar que houve um alongamento vocálico, pois, de acordo com Brisolara e Semino (2014, p. 50), “os estudantes brasileiros, ao aprender espanhol, costumam transferir a duração da vogal tônica de sua língua materna para a estrangeira”, levando isso também para a realização das codas, visto que a tendência do potiguar (região dos nossos informantes) é o cancelamento da coda em final absoluto, substituindo-a pelo alongamento vocálico como o informante aqui apontado realiza na palavra mencionada passando a realiza-la como [ko'lo:].

A figura 4 mostra a realização mais evidente por parte dos alunos. A maioria trocou a vibrante simples por uma fricativa surda. No espectograma, podemos constatar tal realização pela concentração de energia acústica que fica um pouco mais elevada.

Figura 4 - Espectograma da palavra *parte*



Fonte: Acervo pessoal. Extraído das gravações dos áudios dos alunos no programa *Praat*.

Dessa maneira, a palavra foi produzida [‘pahte] ao invés de [‘parte], como era esperado. A tabela 2 mostra as realizações das palavras analisadas pelos informantes I, II, IV, VII e IX.

Tabela 2 - Realização como fricativa

Palavras	Realizações	Palavras	Realizações
Comer	ko ‘meh	Tarde	‘tah ðe
Carne	‘kah ne	Ayer	a ‘dʒeh
Señor	se ‘ɲoh	Parte	‘pah te
Bailar	baj ‘lah	Verde	‘beh ðe
Leer	le ‘eh	Color	ko ‘loh

Fonte: Criação nossa.

Salientamos que os informantes VI e VIII produziram coda final absoluta como fricativas, porém, as codas internas como vibrante simples.

A seguir, expomos as nossas considerações finais a respeito de nossa pesquisa.

5. Considerações finais

Inicialmente, constatamos que, diferentemente do que imaginávamos e trazíamos como hipótese básica, os alunos não costumam, em sua maioria, realizar o alongamento vocálico e o cancelamento do rótico em posição final, de forma que apenas 1 dos 10 informantes assim o fez, ou seja, tivemos nossa hipótese refutada.

Os resultados mostraram que a probabilidade do uso adequado da vibrante simples é menor que o uso das fricativas. A maioria dos informantes, 7 dos 10, realizou a fricativa surda em posição de coda absoluta e 5 em coda interna. Assim, constatamos marcas da

interlíngua na produção oral das vibrantes por estudantes potiguaras aprendizes de espanhol.

Retomando nossos objetivos, acreditamos tê-los alcançado, pois analisamos a interfonologia dos róticos no que diz respeito às codas, estabelecendo e descrevendo as características das realizações dos informantes.

Acreditamos que o trabalho é relevante, pois tem como foco a oralidade, que é o principal meio de comunicação do aluno futuro professor. Além disso, quanto mais aprendemos sobre a gramática fonológica da LE e quanto mais entendemos a interlíngua de nossos alunos, mais habilidade teremos para distanciar as gramáticas fonológicas da LM e LE.

Este trabalho centrou-se nos róticos em posição de coda, no entanto, estamos realizando novas pesquisas nas quais exploraremos novos contextos fonotáticos dos róticos, tais como: posição onset, encontros tautossilábicos, vibrante múltipla, entre outros.

Referências

- ALVARENGA, E. M. *Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa*. Asunción: Diseños. 2014.
- ÁLVAREZ, M.; RODRÍGUEZ, J. *Ejercicios de fonética: niveles avanzados y superior*. Madrid: Anaya, 2003.
- BARBOZA, C. L. *Descrição acústica dos sons vocálicos anteriores do inglês e do português realizados por professores de inglês língua estrangeira no oeste potiguar*. 2008. 183f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.
- BRANDÃO, L. R. *Yo hablo. Pero...¿Quién corrige?: A correção de erros fonéticos persistentes nas produções em espanhol de aprendizes brasileiros*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- BRISOLARA, L.; SEMINO, M. *¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: Ejercicios prácticos*. Campinas: Pontes Editores, 2014.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. Versão 4.6.21. [S.l.], 2007. Disponível em: www.praat.org. Acesso em: 13 de maio de 2017.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CARVALHO, K. C. *Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol*. 2004. 213f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FERNÁNDEZ, J. *Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica*. Madrid: Arco/libros. 2007.
- FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. In.: FIORIN, J. L. (org). *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2013.
- JURADO, M.; ARENAS, M. *La fonética del español*. Buenos Aires: Quorum, 2005.
- LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sound of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.
- MASIP, V. *Fonologia, fonética e ortografia portuguesas*. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MASIP, V. *Fonología y ortografía españolas: curso integrado para brasileños*. Recife: Bagaço, 2005.

MASIP, V. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco Libros, 2010.

QUILIS, Antonio. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco Libros, 2010.

ROMERO, A. S. *Lingüística Aplicada*. Bogotá: UNAD, 2008.

SILVA, A. H. P. *Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano*. 1996. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 1996.

SILVA, K. C. *Ensino-Aprendizagem do espanhol: O uso interlinguístico das vibrantes*. 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SOUZA, P.; SANTOS, R. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à Linguística – Princípios de Análise*. São Paulo: Contexto, 2010. v. II.

VIANA, N. Planejamento de recursos de línguas – pressupostos e recursos. In: ALMEIDA FILHO, J. (org.) *Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 1997.